

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE
O TEATRO DE MARCELINO MESQUITA
dissertação de licenciatura em Filologia Românica

Maria Sara Galato



0-

...PRIMEIRO CAPÍTULO...

1 - ATMOSFERA HISTÓRICA, SOCIAL E PSICOLÓGICA DAS PEGAS

O ambiente que se respira nas diversas pegas de Marcelino Mesquita é, como não podia deixar de ser, variado e rico. Ele varia como os temas explorados.

Aqui, nas obras fundamentalmente históricas, o autor procura situar-se no respectivo ambiente histórico, social e psicológico. Consegue-o inteiramente? Nem sempre e não em absoluto.

Nesta a distância, na tentativa de análise de Teatro de Marcelino Mesquita encontramos, em primeiro lugar, uma certa tibieza de espírito, se não falta o talento do artista,

(1) Isso mesmo observa Ramada Curto na Revista Atlântica, quanto diz, referindo-se à peça "Mestre, o Suroi";

(1) - Rev. Atlântica, vol. XII-13 de Julho de 1913.

...PRIMEIRO CAPÍTULO...

1 - ATMOSFERA HISTÓRICA, SOCIAL E PSICOLÓGICA DAS PEÇAS

O ambiente que se respira nas diversas peças de Marcelino Mesquita é, como não podia deixar de ser, variado - tão variado como os temas nelas explorados.

Assim, nas obras fundamentalmente históricas, o autor procura situar-se no respectivo ambiente histórico, social e psicológico. Conseguiu-o inteiramente? Nem sempre e não em absoluto.

Dada a distância, no tempo, a que Marcelino Mesquita se encontrava, seria possível uma certa tibieza de colorido, se não fora o talento do artista.

Isso mesmo observa Ramada Curto na Revista Atlântida (1) quando diz, referindo-se à peça "Pedro, o Cruel":

(1) - Rev. Atlântida, vol. III-15 de Julho de 1916.

" Quanto à falta de ambiente histórico... Efectivamente, o ambiente é pouco. O que há é outra coisa - é talento. O ambiente fica para os que não tenham mais nada..."

Na verdade, o ambiente histórico das peças de Marcelino é-nos revelado sòmente por uma data, um cenário, uma nota prévia explicativa, e o vestuário. E nada mais. Sente-se pouco a atmosfera histórica duma época...

Por exemplo, em "Leonor Teles" encontramos, para localizar a peça no respectivo ambiente histórico, simplesmente, a abrir o acto I: Lisboa, 1371, e a descrição dos cenários, de tempos medievais, onde decorre a acção.

Mas do ambiente histórico, daquele clima espiritual que existe tão vivo, por exemplo, nas páginas de Fernão Lopes ou de Alexandre Herculano, em que sentimos pulsar a vida desses tempos, em que a época passada se torna presente, desse clima espiritual pouco se encontra em Marcelino Mesquita. E, se fôsse isso sòmente que procurássemos nas suas peças históricas, de certo as nossas pesquisas resultariam inúteis. D. Fernando, Leonor Teles, D. Dinis, o Conde Andeiro, são figuras históricas que têm o nome e os sentimentos que os caracterizam na História, mas o ambiente em que se movem é só dado pelos cenários pintados e pelas vestes. A arraia-miúda que em Fernão Lopes tem um dos principais papeis é relegada para um plano secundário na peça de Marcelino Mesquita. E tóda a excitação

do povo na época, essa força a um tempo inconsciente e bruta, capaz das grandes realizações, quando bem orientada, só nos é revelada em duas ou três páginas, através de toda a obra.

Porém, nas figuras da peça perpassa um sopro de Vida e, num gesto onnipotente e criador do seu talento, Marcelino fá-las estremecer, num frémito, num recobro de alma.

E é esse talento que nós podemos admirar e é essa coisa admirável que nos interessa acima de tudo: o poder de dar vida às personagens, de as pôr a vibrar, a sentir, a sofrer... para não serem simples fantoches arrancados à História, mas seres vivos de todos os tempos. Para nós, D. Fernando passa a não interessar como a figura histórica, mas como o Homem que amou e sofreu e que tanto podia ter pertencido à Idade-Média como aos nossos tempos. Homens que tudo sacrificaram - honra, dignidade, e até a própria vida, febrilmente consumida nos devaneios duma paixão insana, a cada passo se encontram na vida, até mesmo nesta era prática e materialista do nosso século.

Em "O Regente" notamos a mesma falta de ambiente histórico, embora já não tão acentuada. Nesta peça já o povo desempenha um papel relevante e o clima espiritual da época é mais caracterizado, através da acção.

Em "Perina" temos como únicas notas elucidativas as palavras: Veneza, século XVI, e sabemos que se passa com Aretino. O ambiente histórico é quase nulo.

A Marcelino não interessa o facto histórico em si,

mas o facto humano . Vai à História buscar temas que lhe interessam e que interessaram no século XIX, e que nos poderão ainda interessar a nós, pelo que de humano possuírem.

Em "Peraltas e Sécias" está mais marcada a atmosfera histórica duma época. Nesta comédia consegue o autor, embora caricaturalmente, dar-nos a visão da sociedade do século XVIII em Portugal, sociedade cheia de ignorância, de frivolidade e de fanatismo religioso.

O drama de Pérola passa-se num ambiente duvidoso, numa esfera social baixa.

Em "Na voragem" o ambiente é burguês e o drama desenrola-se "numa quinta ou vila nos arredores de Lisboa", entre pai, mãe, filho e uma orfã que o casal recolheu.

"Dor Suprema" transporta-nos ao seio duma família burguesa, onde uma pobre criança moribunda faz estalar de dor o coração dos desventurados pais que assistem, impotentes, à sua agonia. E revela-nos ainda, com um realismo pungente, a tragédia de muitas vítimas dum destino implacável que vão procurar no suicídio a paz que a Vida lhes negou.

Em "Envelhecer" entramos num ambiente social luxuoso onde encontramos a fina flor da sociedade, um ex-diplomata, a filha dum médico e professor de fama, e um advogado.

Mas, quer à História quer à época em que viveu, quer à burguesia quer à alta sociedade, Marcelino só pretende ir buscar uma coisa: a Vida. Só a Vida lhe interessa, em toda

a sua complexidade, complexidade de simples origem: a própria Vida. É o coração humano que ãle ausculta e que nos revela em todas as suas pulsações. Pulsações aceleradas? quase sempre auscultadas em indivíduos patologicamente anormais? Será, por vezes; mas a patologia também é necessária para o estudo do Homem, também faz parte da Vida. E não será a Vida, muitas vezes, um entrechoque de casos patológicos?!

Assim, mais do que o ambiente histórico, preocupa-o, sem dúvida nenhuma, a atmosfera psicológica das suas peças. Vejamos, pois, essa atmosfera psicológica, embora desde já assinalemos que, na sua preparação, existem imperfeições, falhas, pouca profundidade no estudo das personagens, defeitos a considerar em Marcelino Mesquita, mas explicáveis pelo seu temperamento irrequieto e pouco estudioso e compensados pelo seu poder de subjugar a plateia, devido ao talento de verdadeiro dramaturgo que é:

Em "Pedro, o Cruel" o ambiente é constantemente carregado de fatalismo, de princípio ao fim. Fatalismo na preparação da tragédia, na própria tragédia e nas consequências dela.

Durante o acto I os agouros da velha Ana tingem de negro o ambiente, dão-lhe uma promessa de desgraça que paira no ar:

Rosa

Amores! que mais amores!

Ana

Calá-te mulher, tem outra língua. Cada um
tem no mundo a sua sina.

Quadro I - pág. 13

Há o fatalismo, a certeza de que o Homem não pode
ir contra o Destino. Há qualquer força mais forte do que Ele,
que o domina e impelle.

Assim, os agouros de Ana e as suas superstições
preparam o espectador para a tragédia, tal como Maria de Ne-
ronha no Frei Luis de Sousa, com os seus pressentimentos.

Ana

Alguna coisa má se vai passar.

Rosa

Como o sabeis?

Ana

Como velha que sou. A terra anda a tremer, há
meses, agora, logo. Não sabeis o que é? É a guerra!
Uma estrela de cinco pontas, vermelha... um rabo
com uma espada... Não a tendes visto, há quatro
noites, sobre o cimo da serra?... É a morte!

Quadro I - pág. 15

E, mais adiante, Ana torna a agouzar:

Se te digo treveiro... que anda coisa no ar!

Quadro I - pág. 24

Até no faleço de D. Inês de Castro há sintomas do pressentimento da tragédia fúnebre que irá enlutar o coração de D. Pedro. Tudo ajuda a criar o ambiente escuro...

1º. Fidalgo

Eh! Coimbra! Eh! Eh! Valente! (festeja-o. O faleço fica imóvel) É singular.

2º. Fidalgo

O quê?

1º. Fidalgo

Este animal sempre tão alegre ... há dois dias numa tristeza assim.

Quadro I - pág.18

Preparada esta atmosfera densa, trágica, desde o começo, o momento culminante chega, a morte de D. Inês é participada a D. Pedro, e o Quadro I acaba no auge do drama, revelando-nos o estado de alma do Infante, ao saber a má nova, a sua enorme dor e o desejo de vingança que lhe nasce na alma. Os outros Quadros não são senão o epílogo da tragédia: a vingança de D. Pedro, no quadro II, em que a atmosfera é violenta de acção e de tons definidos; a reabilitação e coroação de D. Inês no Quadro III, onde o ambiente é fúnebre, resultante deste Quadro ser passado numa capela, onde se encontra a Rainha morta, sentada no trono e cercada, e onde, no meio de silêncio profundo, terá lugar o macabro beija-mão ao cadáver; finalmente, a realidade triste, no último Quadro: Inês morreu, repousa no seu leito tumular e D. Pedro fica só, ao pé do mausoléu, acobrunhado pelo sofrimento e pela saudade,

Até que venha, enfim, romeiro extenuado
Deitar-me junto a ti, repousar a teu lado,
Morto pelo sofrer, morto pela saudade,
Belas eras, sem fim, por toda a eternidade!

Quadro IV-pág.110

Em "Leonor Teles", é-nos revelada logo nas primeiras páginas, embora levemente, a atmosfera de descontentamento do povo e dos portugueses de lei que não querem Leonor Teles para Rainha. Entramos imediatamente nesta atmosfera pelas palavras de Gil:

É a revolta surda o que essa rua agita;
Anda o bulhão oculto, a frase é, baixo, dita,
Incerto o passo e o olhar...

Acto I-pág. 3

É neste ambiente de desconfiança, de desagrado e de revolta comprimida, aparece aquela que é a causadora de toda esta inquietação: Leonor Teles. Mas "a adúltera", que não perdoa àqueles que a não querem para Rainha e que odeia todo aquele que a censura, não está inactiva. Na sombra, ela prepara a Vingança, paciente e calculadamente. Cada passo dado é um passo em frente, um trunfo mais que lhe fica nas mãos.

Entretanto o ambiente da corte é fútil. Cada qual se diverte a seu grado.

Um Fidalgo

... e quanto a mim que tenho visitado
As cõrtes da Europa, afirmo, que em agrado,
Em festas e saraus, em graça e gentileza,
Nenhuma se compara à cõrte portugueza.

Acto II-pág.27

Ne entanto, sob esta frivolidade que caracteriza a vida do paje, a atmosfera vai-se carregando, os ódios vão-se acumulando, até ao momento em que D. Dinis se nega a beijar a mão a D. Leonor, já Rainha. Mas com esta cena, mais um desejo de vingança, de desforra, nasce no coração pífido de Leonor Teles. E as suas maquinacões continuam, preparando a Vitória, até que, depois de satisfeitos os seus desejos de vingança e depois da morte de D. Fernando, o remorso começa a chegar juntamente com o medo, com o pressentimento do castigo que merece. O Conde Andeiro é morto pelo Mestre de Avis e ela expulsa do trono.

Vejamos agora a atmosfera psicológica em "O Regente". Começa por nos ser revelado um ambiente de entusiasmo da parte do povo por D. Pedro, o seu defensor. Este entusiasmo desde o início se manifesta ruidosamente, como geralmente acontece com as crianças. E o povo é uma criança grande. O próprio D. Pedro no-lo diz também, com a noção clara do dirigente sabedor:

O povo é uma criança. É preciso amigá-lo muito e castigá-lo pouco.

Quadro I - pág. 29

A plebe agita-se, pois não quer ser governada por D. Leonor, mãe do futuro D. Afonso V, à qual chama, desrespeitosamente, "a aragonesa", "a estrangeira". Pelo contrário, dedica a D. Pedro expressões ternas, amigas e respeitosas: "O nosso infante", "o defensor do povo", "o nosso senhor".

A descrição do ambiente político na corte é-nos dada por Mestre Lopo, popular, falando do Conde de Barcelos, conselheiro de D. Leonor de Aragão.

Brites

É então o conselheiro da Rainha?

Mestre Lopo

Ele, o filho, e mais fidalgos inimigos de D. Pedro. Este é pelo povo; eles uns pelos outros, contra nós.

Quadro I - pág. 17

É nesta atmosfera inquieta que o drama se prepara. O povo, à mínima causa se mostra agitado.

Vozes
Viva o Infante!
Vozes
Viva!
Vozes
Viva D. Pedro!
Vozes
Viva!

quadro I - pág. 15

Outras vezes, mostra-se filósofo quando diz:

1.º. Popular

A justiça de Deus, às vezes, anda na terra!

quadro I - pág. 15

Outras ainda, o povo revela-se desordeiro, chegando a extremos de ansaga.

1.º. Popular

Frei Vasco da Alagon.

2.º. Popular

Baço-lo calar.

Brites

Arranca-se-lhe a língua.

Vozes

Morra o padre! morra!

quadro I - pág. 20

Ou então revoltado; o povo, por vezes, embora raramente, sabe
e que quer e portanto teimosamente não abaiça do seu poder.

Alcaide

(Ao Gomes) Pregai a carta.

2º. Popular

Não pregará, senhor alcaide, que o não consentiremos.

Quadro I - pág. 32

E, impetuosa e imprudentemente, à mínima causa recorre às espadas.

Vozes

Fera o alcaide! Morra! (Tiram-se espadas)

Quadro I - pág. 33

Entretanto, a átrixiga tace, na sombra, a sua teia subtil nas, por vezes, invencível. E, como bem diz o Duque de Barcelos,

"O povo! é como o mar, tudo leva à superfície,
tudo deixa na primeira praia".

Quadro V - pág. 71

Desta forma, D. Pedro está só. Não pode contar com o povo, os inimigos preparam-lhe a cilada que Ele espera mas não merece, e o sobrinho, D. Afonso V é, visto pelo Duque de Barcelos, "... uma bandeira... que anda com todos os ventos! "(1) e, visto pelo Regente, "uma criança no meio de lobos! "(2).

Com quem contar, portanto? Só lhe resta o Amigo, aquele

(1) - O Regente, Quadro VII - pág. 96

(2) - O Regente, Quadro VIII - pág. 106

que lhe será fiel até na morte.

E enquanto a intriga continua, o Regente e Avranches fazem o juramento de morrer juntos, juramento solene, no ambiente triste e sombrio duma igreja.

Agora podem morrer. O momento da luta chega; e chega também o momento da derrota e da morte dos dois.

A praga que Avranches ^{roga} ~~escreve~~, prestes a morrer, e com que fecha a peça,

"Avranches (levantando meio corpo, moribundo).
A justiça de Deus! Ó Duque! que ãie faça cair o
nosso sangue sobre a tua cabeça e a de teus filhos!"

deixa no ar as asas fúnebres da morte, pairando no espaço, e um tom de ameaça e desejo de Justiça.

Atmosfera psicológica em "Perina":

No ambiente de sonho de Veneza, onde as gôndolas deslizam sobre as águas sombrias dos canais, um Amor grande, sublime, purificador, nasce no coração de Aretino, homem boémio e devasso até aí, dedicado a Perina, uma jovem que o destino lançara cedo numa vida de miséria, de devassidão moral, onde depressa contraíra a tuberculose - 16 anos mal desabrochados para a vida e já à beira da morte.

O ambiente é trágico. Desde o início se antevê o triste fim de Perina.

O Amor eleva-se e ilumina as trevas do coração de Aretino, e este Amor iluminará também, com uma luz forte e constante, todo o desenrolar da peça. Ele domina as cenas e, do princípio ao fim, impera, ora feliz ora estorcendo-se em leito de dores e agonias, ora ressurgindo na Felicidade antiga, para mais dolorosamente sentir a perda daquela que O fez nascer.

Em "Pérola" a atmosfera, desde o princípio ao fim, esta impregnada de fatalismo e de tragédia. As almas de Pérola, da mãe e do criado arrastam-se no lodo e mergulham nêle. João, estudante de Medicina, é atraído e arrastado também na lama, pelo Amor a Pérola. Assim, num ambiente degradante e vicioso, esses dois seres, João e Pérola, cortesã, encontram-se e começam a conhecer-se, a sentirem-se presos um ao outro, a amarem-se. Combinam passar um tempo juntos. E João desce ao precipício, sem quase saber como, atraído como que por uma força magnética a que não pôde esquivar-se nem fugir. De queda em queda, de remorso em remorso, os acontecimentos desenrolam-se até que, finalmente, Pérola morre. A tragédia atinge o ponto máximo e o pano cai. Nada mais há a acrescentar. Mas nos corações fica um peso e uma opressão resultante da atmosfera sombria da peça.

Em "Na Voragem", a tragédia é preparada desde o início, pelos receios e medos de D. Joana, revelando-nos que exis-